

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PEDRAS VISIGODAS DE LISBOA.

ALMEIDA, Fernando de

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de, Pedras visigodas de Lisboa. *Revista de Guimarães*, 68 (1-2) Jan.-Jun. 1958, p. 117-137.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Pedras visigodas de Lisboa

*Singela homenagem à memória
de Eduardo d'Almeida, prestigioso
escritor e diplomata.*

Para retomar o trabalho que nos propusemos (1): carrear os vários elementos de Arte visigoda surgidos no país, reunimos alguns apontamentos sobre o que conhecemos daquele período e foi encontrado em Lisboa.

A expressão «Arte visigoda» para significar, não uma forma de arte própria do povo visigodo (pois a que ele cultivava a pouco mais se estendia do que à ourivesaria), mas a que floresceu durante o período de dominação visigoda na Península e ainda durante os primeiros tempos da ocupação árabe, parece não ser já aceita por todos os arqueólogos: vemos agora a palavra «hispano-visigoda» (2) para a designar.

É certo terem entrado no cadinho peninsular, desde o crepúsculo do Império Romano até à constituição do Reino Visigodo, elementos artísticos de origens totalmente distintas: o local, digamos hispânico, com raízes pré- e proto-históricas; o romano em decadência; o bizantino em plena pujança e, em menor grau, o norte-africano, o visigodo e o suevo.

Em Lisboa apareceram motivos decorativos daquela época, tidos desde há décadas como nitidamente de influência bizantina. O facto é naturalmente explicável pela facilidade que tiveram os mercadores em chegar até cá; mesmo depois da separação da Península do Império Romano-bizantino, a navegação no Mediterrâneo ocidental não deixou de se fazer.

(1) *Pedras Visigodas de Vera Cruz de Marmelar*, Lisboa, 1954.

(2) P. DE PALOL SALELLAS, *Esencia del Arte Hispánico de época visigoda: romanismo y germanismo*, Spoleto, 1956, pág. 5.

Os Bizantinos haviam aproveitado, com ambas as mãos, para facilitar as suas ambições políticas, a ocasião que lhes oferecera Atanagildo ao pedir-lhes auxílio na luta contra o rei visigodo Ágila. Vieram à Península em 554 (1), instalaram-se em uma longa faixa que chegou até Cartagena e ao Algarve e procuraram alargá-la para o Norte. A política religiosa favoreceu-os, pois o Reino visigodo professava o arianismo enquanto que os Bizantinos hasteavam a bandeira do catolicismo. A conversão de Recaredo tirou-lhes esse pretexto e a atracção religiosa, explorada pelos Orientais, já não tinha motivo para continuar: foi esta uma das razões que os obrigaram a abandonar a Península.

No nosso território, além do Algarve pertenceu a Constantinopla a parte Sul do Alentejo, pelo menos até Évora; e no resto da Península, embora também não saibamos até onde, exactamente, estenderam as suas conquistas, podemos no entanto inferir terem sido extensas, se avaliarmos as posteriores notícias de passagens de cidades para o domínio visigodo (2).

A influência de Bizâncio exerceu-se directamente no solo peninsular durante cerca de setenta anos; o Algarve foi o último território a ser libertado do jugo bizantino, ao qual esteve submetido de 510 a 634 (3). Manifestou-se ainda em alianças com os Cântabros e Suevos nas lutas destes contra os Visigodos; no auxílio a Hermenegildo durante a revolta contra seu pai, Leovigildo, o que levou o rebelde a intitular-se também rei; no agasalho dado em África à viúva de Hermenegildo e a seu filho, Atanagildo; no cuidado em transferirem este jovem príncipe para a corte de Constantinopla depois da morte de sua mãe, etc. A influência bizantina também se evidenciou por outros modos. Assim, a cadeira episcopal da capital lusitana teve como metropolitans, sucessivamente, dois Gregos de nação, Paulo (cerca de 530

(1) LOUIS BRÉHIER, *Le Monde Byzantin*, I, pág. 30.

(2) MANUEL TORRES, *História de España*, dirigida por M. Pidal, III, pág. 96.

(3) PAUL GOUBERT, «L'Espagne byzantine», *Rev. des Études byzantines*, IV, 1946, pág. 100.

a 560) e Fidel (cerca de 560 a 571) (1); o próprio S. Martinho de Dume, Panónio de origem, era um Grego bizantinizado (2). Finalmente, a jurisprudência visigoda, a administração pública, a arte, as próprias moedas no seu desenho característico, não puderam fugir à influência do Oriente mediterrânico; de resto, a cultura, o esplendor da corte bizantina, a extensão dos seus territórios e o poder dos seus exércitos explicam facilmente a irresistível atracção exercida sobre um povo menos civilizado. Por isso afirma P. Goubert (3) terem tido os Bizantinos uma acção que não é para desprezar sobre o desenvolvimento da civilização portuguesa; mas essa influência verificou-se não só durante o período de ocupação, mas principalmente nos séculos seguintes, mercê de um comércio activo no qual os Árabes haviam de tomar um papel de muito relevo: eram os marfins, os panos, as jóias importados de Constantinopla, copiados à saciedade e espalhados por toda a parte, que haviam de influir muito na Arte Ocidental, então em pleno evoluir.

Tudo isto vem a propósito do sobejamente conhecido fragmento de pilastra (Figs. 3 e 4) trazido do extinto Mosteiro Beneditino de S. Félix, em Chelas (na periferia de Lisboa, lado oriental) em exposição no Museu do Carmo, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, e tido até há pouco, sem discussão, como de influência bizantina. Ora sucede existir no mesmo Museu e colocado ao lado desta pedra, um fragmento de outra pilastra onde fora aberto desenho precisamente igual ao da primeira (Figs. 5 e 6); inclusivamente a qualidade, a cor e o aspecto do mármore são os mesmos. Pequenas diferenças de pormenor quanto ao desenho, designadamente das folhas de acanto, se verificam tanto em uma pilastra como na outra.

(1) H. FLOREZ, *España Sagrada*, XIII, 1816, págs. 170 e 176.

(2) P. GOUBERT, «Le Portugal Bizantin», *Bull. des Études portug. et de le l'Institut Français au Portugal*, XIV, 1950, pág. 276.

(3) *Idem*, pág. 273.

Não encontramos qualquer referência escrita sobre esta segunda pilastra, além da indicação dada pelo Guia do Museu (1); dela se infere, somente, o ter vindo a dita pedra de uma parede da Casa dos Bicos, em Lisboa. O Prof. Reynaldo dos Santos deu-nos, em trabalho recente (2), fotografias de ambas as pilastras; mas no texto não vimos referência aos monumentos.

Por amável indicação do Conservador do Museu do Carmo, senhor António Machado de Faria, soubemos ter sido o senhor Eng.º Renato Berger quem enviara a pilastra para a Associação dos Arqueólogos Portugueses. Por este mesmo senhor fomos depois informados sobre as circunstâncias que permitiram não ter ficado a pedra perdida, possivelmente para sempre. E assim, em 1942, fiscalizava umas obras nas dependências da Direcção-Geral de Saúde, à Rua das Francesinhas, perto da Calçada da Estrela; por mero acaso, o empreiteiro destes trabalhos era o mesmo que então procedia a alterações no interior da Casa dos Bicos, na Rua dos Bacalhoeiros. Pediu o dito empreiteiro, e o seu requerimento foi deferido, para poder meter, nos muros a construir para os serviços sanitários, o material aproveitável a sair da velha casa quinhentista. Ao verificar a qualidade de uma carrada de pedra vinda deste local, o senhor Eng.º Berger viu, à mistura com calhaus vários, o fragmento de pilastra em questão, prestes por consequência a ser metido nas obras, como alvenaria. À eficiente actuação que então desenvolveu, ficou a cidade a dever uma das pedras mais representativas da sua história.

Surge-nos agora um problema: como teria a pilastra sido aproveitada na Casa dos Bicos? Teria existido ali algum edifício de importância no período visigodo ou nos primeiros séculos da ocupação árabe e no qual haveria sido integrada? Não sabemos.

(1) ANTÓNIO MACHADO DE FARIA, *Guia do Museu Arqueológico*, 1957, pág. 38.

(2) REYNALDO DOS SANTOS, *O Românico em Portugal*, 1955, Est. 1 e 2.

Por outro lado devemos anotar o facto de a Casa em questão ter estado situada, quando foi construída, muito perto do rio, e o Mosteiro de Chelas, por sua vez, ter tido um esteiro do Tejo que os barcos subiam facilmente. É no entanto curioso notar o haver sido encontrada precisamente no edifício contíguo à casa, lado Poente, a pedra visigoda de que adiante daremos notícia (IX, Figs. 11 e 12); mas o trabalho desta é muito diferente do das pilastras para, baseados somente na proximidade dos locais, poderemos pôr a hipótese de terem pertencido à mesma construção. Até o material empregado foi outro.

Que pensar do templo (?) para o qual teria sido talhada e esculpida a II pilastra, se levarmos em conta as notícias antigas que conhecemos sobre as pedras do Mosteiro de Chelas?

Segundo Marinho de Azevedo (1), em meados do século XVII havia ali uma pilastra «de seis palmos de comprimento, e dous de largo, com três círculos, e dentro de cada hum delles huma figura de animal com azas nos pés, que parecia ao Cavallo Pegaso, ou Ipogrypho; a qual pedra foy achada com outras em Chelas, abrindo-se os alicerces da Capella mór». Teria, portanto, 132 cm. de altura e 44 cm. de largura: esta última medida é sensivelmente a mesma que encontrámos na pilastra maior (43 cm.) e também no lado menor da pilastra mais curta (42 cm.). É de notar ter sido a medição de Marinho feita em palmos, o que pode explicar a pequena divergência; de resto, as observações não eram muito precisas, basta notar o ter descrito asas nos pés dos «hipogrifos» e não nas espáduas, onde na verdade se articulam. Quanto à altura já o caso é diferente, pois a maior das pilastras não passa, actualmente, de 96 cm.; mas Borges de Figueiredo (2) informa-nos, que posteriormente àquela descrição

(1) LUIZ MARINHO DE AZEVEDO, *Fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne Cidade de Lisboa, e seus varoens illustres*, etc., Lisboa, 1652. Reimpressão de Manoel António Monteiro de Campos, Lisboa, 1753, Liv. III, pág. 34.

(2) BORGES DE FIGUEIREDO, «Antiguidades romanas de Chelas», *Rev. Archeologica e Historica*, IV, Lisboa, 1890, pág. 33.

de Marinho, a pilastra fora serrada e reduzida a dois terços, para adaptarem uma das partes a um cunhal, onde a fora encontrar. Era esta a única pedra por ele descrita e efectivamente a pilastra maior do Museu do Carmo (I) dá mostras de ter sido cortada no topo inferior; no superior tem uma cavidade funda, para facilmente poder ser solidarizada com a peça que se lhe seguisse; de resto é também a única pilastra anotada por Vilhena Barbosa (1) e ainda por Valdez (2) nos apontamentos que este arqueólogo escreveu para a elaboração de um catálogo do Museu do Carmo. Mas, como dissemos, as pilastras (fragmentos) são duas (I e II); ora a soma da altura de ambas (158 cm.) é maior que a descrita por Marinho (132 cm.) e é evidente, se a referida por este foi serrada, que a soma das duas secções a que a reduziram não podia por esse facto aumentar! Por outra parte, Marinho descreve três círculos na pilastra, sem especificar se eram três por lado, se três ao todo. Ora a pilastra mais baixa (II) tem, com efeito, três círculos ao todo, um por face (falta-lhe um dos lados); mas também, se na verdade foi serrada em seguida à primeira descrição que dela temos, teria sido possível a Marinho o tê-la visto com três círculos por face, isto é, sobrepostos. E se o que existe são dois terços da pilastra por ele descrita, essa só poderia ser a pilastra I: trata-se, pois, da existência no Museu, de duas secções de pilastras distintas.

Em resumo, e segundo os dados que possuímos, podemos afirmar ter sido amputada a pilastra descrita por Marinho em data posterior à sua notícia; uma das partes, maior que a outra, esteve metida em um muro, a fazer de cunhal, de onde a retiraram para o Museu. A secção menor perdeu-se, e a restante vê-se, pelo desenho, que continuava para

(1) I. DE VILHENA BARBOSA, «Fragmentos de um roteiro de Lisboa, (inédito)», *Archivo Pittoresco*, VII, Lisboa, 1864, pág. 380.

(2) JOSÉ JOAQUIM D'ASCENÇÃO VALDEZ, *Monumentos Arqueológicos de Chelas*, Lisboa, 1898.

cima e para baixo. Além desta pilastra há a secção de uma outra (II), ligeiramente mais larga e que não foi apontada pelos autores citados. Veio parar à Casa dos Bicos, trazida de Chelas, talvez pelo mesmo motivo que há meia dúzia de anos a levou até perto da Calçada da Estrela.

Há pouco, Palol Salellas em uma excelente conferência ⁽¹⁾ informou que, para Volbach, os temas desenvolvidos na Catedral de Lisboa e em Chelas, com animais dentro de círculos, não têm outra origem além da unicamente hispânica; por isso, olhámos mais uma vez as ditas pedras e verificámos ser tão flagrante a quase identidade de concepções bizantina e lisboeta que não resistimos reproduzir, lado a lado, um motivo de Lisboa (Fig. 6), um medalhão (Fig. 7) de um pano bizantino do séc. x e que se encontra na Catedral de Sens ⁽²⁾, e outro medalhão (Fig. 8) de um pano do séc. xii também bizantino ⁽³⁾ e conservado no Museu de Berlim. Neste até aparecem pégasos com as asas dispostas precisamente como nas pilastras de Chelas: a mais afastada a projectar-se à frente do pescoço do monstro, enquanto o usual é aparecerem ambas atrás.

Se por estes panos pudéssemos estabelecer a data das pilastras, isso ajudar-nos-ia a esclarecer a história do Mosteiro de S. Félix, bastante nebulosa no período que antecedeu a Monarquia portuguesa, mas sabemos como os motivos bizantinos se repetiram anos seguidos: de certa, ficou a sua influência na decoração do velho Mosteiro.

Não será fora de propósito recordar que no ano 882 deram entrada, no Mosteiro de Chelas, relíquias de treze Mártires para as juntar a outras, de também treze Mártires, já ali piedosamente guardadas desde 665. Eram as últimas as de S. Adrião e seus companheiros, supliciados em Nicomedia nos princípios do séc. iv e transportadas pouco depois

(1) PEDRO DE PALOL SALELLAS, *op. cit.*, pág. 31.

(2) J. PIJOAN, *Summa Artis*, VII, fig. 808, pág. 565.

(3) CARLOS BASTOS, *Arte Ornamental dos Tecidos*, Porto, 1954, fig. 21 e pág. 19.

para Bizâncio, de onde vieram até Roma e daqui para Chelas, por oferta do Papa Leão III a um nobre cristão da Península, o Conde Gisualdo, que ali aportou quando a cidade acabava de ser tomada por Afonso, o Casto, rei das Astúrias.

Creio poder admitir terem vindo com as relíquias quaisquer peças ornamentadas, como panos de seda ou marfins bizantinos, onde se teria inspirado o canteiro de Chelas; pelos desenhos que reproduzimos, não nos repugna esta ideia.

Por outro lado, o grifo, principal motivo decorativo das pilastras, era na imaginária um monstro fabuloso; corpo de leão, cabeça e asas de águia, orelhas pontiagudas... para poder exercer o seu mistér de guardião de tesouros e de túmulos. Não teria, por isso, sido escolhido para a pilastra do Mosteiro de Chelas, como defensor das sagradas relíquias ali guardadas, restos piedosos de nada menos que 26 mártires da Fé?

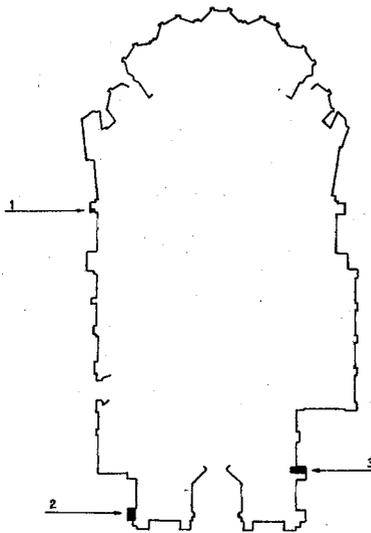


Fig. 1 — Sé de Lisboa, com a localização de três pedras

Além destas pedras há em Lisboa mais duas da mesma época. Uma delas é um friso com leões e palmeiras (Fig. 10), também de marcada influência bizantina, encontrado no mesmo Mosteiro de Chelas e igualmente conservado no Museu do Carmo; a quarta é uma linda placa onde se vêm arcos ultrapassados (Fig. 9), flores, cordeiros e pombas. Esta última pedra, que possivelmente teria sido destinada ao ambom da Sé de Lisboa, está metida

em um gigante da fachada norte deste templo (Fig. 1, n.º 1 e Fig. 9).

O simbolismo cristão aparece bem marcado nestas duas últimas pedras. Na dos leões, um deles tem a cabeça baixa, em atitude de devorar folhas de uma palmeira; o outro, que lhe está em frente, mantém a cabeça alta em atitude de nos olhar a direito. Ambos levam uma das patas dianteiras sobre as palmas, como para demonstrarem que as subjugam.

Seria este friso uma alegoria aos mártires cristãos, representados pelas folhas de palmeira? É de recordar terem sido recolhidas no mosteiro as relíquias de vinte e seis mártires das perseguições romanas: estaria ali pois, e muito bem, o friso em causa.

Na placa da Sé, a pomba designa a Alma, ou então, o Espírito Santo; mas neste caso não devia ter as asas fechadas, como tem, mas abertas. A pomba, por não ter fel, não se encoleriza; e ainda, por viver castamente, incarna as virtudes cristãs. No entanto, se a ave representada em vez de ser pomba é pavão, como já foi sugerido, teríamos assim representado o símbolo da imortalidade... ou o do orgulho; mas este não quadra bem com o resto da composição. Quanto ao cordeiro, é bem sabido ser ele uma das formas de representar Cristo; julgamos a princípio, ao olhá-lo pela primeira vez, que o animal figurado era uma corça, animal simbolicamente a beber a Fé nas fontes do Paraíso, mas optámos depois pela segunda hipótese. Como dissemos, todas estas peças são sobejamente conhecidas ⁽¹⁾, excepto a pilastra II.

(1) Vide, entre outras obras:

A. COELHO GASCO, *Primeira parte das antiguidades da muy noble cidade de Lisboa Imporio do mundo, e princeza do mar Oceano*, Ms. do séc. XVII, publicado no *Arch. Bibliogr. da Bibl. da Univ. de Coimbra*, 1909.

LUIZ MARINHO DE AZEVEDO, *op. cit.*, Liv. II, pág. 20.

I. DE VILHENA BARBOSA, *op. cit.*, págs. 374, 376, 379 a 382, 408 e 409.

BORGES DE FIGUEIREDO, *op. cit.*, págs. 1 a 15, 30 a 37, 126 a 128.

JOSÉ JOAQUIM D'ASCENÇÃO VALDEZ, *op. cit.*

VERGÍLIO CORREIA, «Arte Visigótica», *História de Portugal* (ed. de Barcelos), 1928, pág. 387 e seg.

Em 1947, ao serem executadas obras na mercearia da Rua dos Bacalhoeiros n.º 12-A, apareceu uma linda placa decorada (Figs. 11 e 12) amavelmente oferecida à Câmara Municipal pelo seu achador e proprietário Sr. Joaquim dos Santos, graças à interferência imediata da senhora D. Maria de Lourdes Bártholo. Está inédita e merece ser conhecida; neste sentido requeremos ao Director dos Serviços Culturais do Município, o senhor Dr. Jaime Lopes Dias, que amavelmente acedeu ao nosso pedido.

O desenho geométrico que a decora é de uma extraordinária perfeição em peças desta época. Infelizmente, de uma ave que a enfeitava na parte central, restam apenas a cauda e as patas.

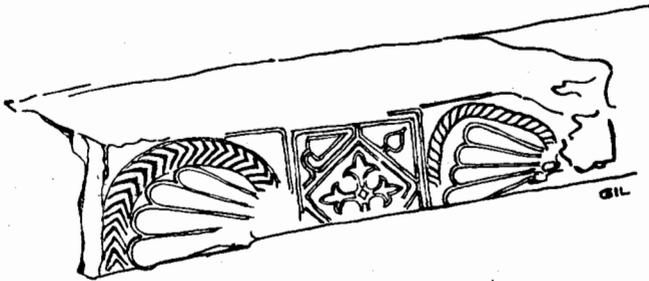


Fig. 2 — Desenho da pedra 3, da Sé de Lisboa

Por esta pedra ter aparecido não longe da Sé, poderemos supor ter também pertencido ao templo? Seria ousado afirmá-lo.

Estão na velha Catedral mais quatro pedras, das quais duas, que sabemos, ainda inéditas. Estas últimas são também fragmentos: um (Fig. 18), de imposta decorada com folhas de acanto; o outro (Fig. 19) muito mais mutilado, mas ainda a mostrar aquele motivo. Foram ambas encontradas nas obras de reparação há anos ali realizadas.

Finalmente, em um gigante do lado Sul (Fig. 1, n.º 3), a pouca altura do chão, sai da aprumada (Fig. 16) uma grande pedra que mostra, na parte procidente, um desenho tipicamente visigodo (Fig. 2);

pelo trabalho que revela foi já incluído ⁽¹⁾ nas pedras visigodas do núcleo lisboeta. A pedra exhibe, lateralmente, lavor do período romano avançado (Fig. 16). Idêntico a ele mostra-o também outra pedra num gigante do cunhal Noroeste do mesmo templo (Fig. 1, n.º 2 e Fig. 17); mas esta não tem qualquer saliência para fora da aprumada e assim não se pode afirmar ter também qualquer ornato visigodo. Teriam vindo ambas as pedras do teatro romano que existiu ali bem perto para, depois de nelas (?) terem sido gravados enfeites visigodos, serem integradas na Catedral?

Seria de toda a conveniência que as entidades competentes mandassem extrair estes monumentos do local onde se encontram e depois de devidamente tratados, os expusessem ao público. A pedra bizantina, pela moleza do calcáreo em que foi lavrada, está em riscos de se perder; basta comparar a nossa fotografia com as obtidas há anos por Clapham ⁽²⁾ e por Schlunk ⁽³⁾. As outras duas pedras metidas também em gigantes, mal fazemos ideia do valor real que possuem; mas estamos certos de que, pelo menos a do lado Sul, justificaria a sua extracção.

Descrição das pedras

I — Pilastra em calcáreo branco, (Figs. 3 e 4) de secção quase quadrada. Tem 96 cm. de altura, 43 cm. de largura em dois lados paralelos e 41 cm. nos outros dois. É historiada nas quatro faces e leva o mesmo motivo em todas: dentro de medalhões marcados por festões de folhagem, vê-se um animal fantástico

(1) O. DA VEIGA FERREIRA, «Acerca de uma pedra visigótica ornamentada», *Rev. do Sind. Nac. dos Eng. Aux., Ag. Tecn. de E. e Condutores*, IV n.º 47, 48, 1949, pág. 512.

(2) A. W. CLAPHAM, *Romanesque Architecture in Western Europe, 1936*, Lâmina 2, a.

(3) HELMUT SCHLUNK, «Arte Visigoda, Arte Asturiana» in *Ars Hispaniae* II, 1947, pág. 267, fig. 287.

em cada um deles. Os medalhões estão sobrepostos, dois por face, e os animais voltados alternadamente para a direita e para a esquerda. Alguns destes monstros foram tidos como pégasos e outros como grifos; mas se de facto os há com a cabeça *semelhante* à do cavalo, por outro lado as patas levam sempre garras. Por isso os denominados grifos. De resto, o desenho não é precisamente igual em todos: a alguns falta-lhes a asa que deveria aparecer à frente, noutros a cauda, na maioria levantada, vê-se pendente. São de notar, na parte posterior dos membros traseiros, umas saliências («amêndoas») típicas dos modelos bizantinos.

Os grifos estão metidos dentro dos círculos formados pelos festões de folhagem, segundo acima dissemos; os festões passam de um círculo para o outro formando um nó como, por exemplo, no díptico bizantino de Filóxeno (1). O nó inferior está cortado transversalmente, o que dá a ideia da pilastra ter sido seccionada por ali; isto não sucede na segunda pilastra, como veremos adiante.

No espaço central do nó, formado pelos festões, não são iguais as figuras que os preenchem: ou aparecem pequenas rosetas, ou dois círculos concêntricos.

Há elementos vegetalistas (folhas de acanto) a encher os espaços deixados livres.

A pilastra pertence ao Museu do Carmo, da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Está exposta no corpo da igreja, de onde deve ser removida para não continuar sujeita às inclemências da chuva e do sol visto as ruínas do templo não terem cobertura.

II—Parte inferior de outra pilastra (Figs. 5 e 6) com aspecto igual ao da anterior e do mesmo material. Mede 62 cm. na máxima altura; tem 47 cm. de largura nos lados maiores e 42 cm. nos menores.

Os labores de um dos lados maiores foram destruídos. Se compararmos as dimensões da pilastra com as da anterior, veremos que esta tem um lado

(1) J. PIJOAN, *op. cit.*, VII, pág. 417.

com 47 cm., enquanto o maior da outra medirá somente 43 cm. Não pertenceriam, possivelmente, à mesma peça.

Os únicos círculos que se apresentam intactos são redondos em baixo, isto é, não formam nó. Por outro lado, o festão mostra na parte inferior uma roseta tetralobada e dela partem os dois ramos. Os cantos inferiores têm um desenho vegetalista inspirado na folha de acanto. Em tudo o mais é idêntico ao da pedra I. Como ela, está também guardada no Museu do Carmo.

III—Placa de calcáreo amarelo (Fig. 9); está encaixada no último gigante da fachada Norte da Sé (Fig. 1, n.º 1). Falta-lhe já um pedaço no ângulo esquerdo inferior que foi substituído por um remendo de pedra. Mede 62 cm. de altura, 122 cm. de comprimento e 32 cm. de espessura; o remendo tem, no lado da pedra que está trabalhada, 19 cm. de altura por 14 cm. de largura.

Mostra três arcos de folhagem, em grinalda; neles alternam elementos (acanto) de 3 folhas com outros de 4 ou 5. Dentro de cada arco há outro arco, nitidamente em ferradura, com desenho em espinha; assentam estes arcos directa ou indirectamente sobre capiteis (onde também se vê a folha de acanto) e estes são sustentados por colunas torsas. Os tímpanos dos arcos aparecem ocupados por uma grande concha ou vieira.

Entre as colunas da direita, um animal quadrúpede, possivelmente um cordeiro (ou uma corça?) a olhar para trás. Entre as do centro, duas aves enfrentadas, talvez duas pombas (ou pavões?); no terceiro espaço um outro animal quadrúpede. A pedra está aqui muito gasta e não se consegue caracterizar o animal; no entanto, pelas fotografias anteriormente tomadas, deve tratar-se de um outro cordeiro, semelhante ao primeiro.

IV—Fragmento prismático de um friso em mármore branco (Fig. 10), idêntico ao das pilastras; mede 31 cm. de altura, por 66 cm. de comprimento e 31 cm. de espessura. Representa três animais

(leões) a um dos quais falta parte da cabeça e dos membros dianteiros, por ter sido destruída a pedra na parte que lhes corresponderia. Os dois que estão intactos marcham um para o outro. Um deles tem a cabeça baixa, sobre uma planta, possivelmente uma palmeira e parece devorá-la; o outro mantém a cabeça alta. O animal a que falta parte da cabeça é também um leão: as formas do corpo e da cauda são idênticas às dos outros dois leões; resta-lhe ainda uma parte da juba e, como dissemos, da cabeça. É de notar que as duas patas que lhe restam, as traseiras, em lugar de garras exibem cascos de boi!

Na parte inferior do friso vê-se uma moldura, onde linhas ondulantes deixam entre si espaços preenchidos alternadamente por cachos de uvas e folhas de videira.

V — Fragmento de ábaco (?), em calcáreo e de forma rectangular (Fig. 18) com dois bordos trabalhados que se seguem um ao outro; estes bordos são cortados em bisel. Assim, o bordo superior, mais comprido, mede 54 cm. enquanto o inferior lhe é paralelo e tem 49 cm. somente; os bordos menores têm, respectivamente, 41 e 33 cm. A espessura da pedra é de 17 cm. Junto ao bordo superior vê-se um friso em corda; junto ao inferior, há um cordão em espinha.

A superfície intermédia mostra, em cima, uma decoração de palmetas e em baixo uma série de cavidades reniformes, a alternar com as palmetas. A técnica do trabalho é tipicamente visigoda. A pedra está arrumada no claustro da Sé.

VI — Fragmento de placa (?) em calcáreo onde se nota parte de uma palmeira (Fig. 19) bastante gasta, mas com características do tipo visigodo. Mede 19 cm. de altura, 18 cm. de largura e 19 cm. de espessura. Está também arrumada no claustro da Sé.

VII — Grande placa de calcáreo amarelo metida em um gigante do lado Sul (Figs. 15 e 16) da parede da Sé de Lisboa. A única referência que

lhe conhecemos foi feita por Octávio da Veiga Ferreira a propósito de um friso visigodo guardado na Casa do Povo de Mafra (1).

Faz um ressalto no lado Sul do dito gigante, com 13 cm. na parte mais larga e 12 cm., na mais estreita; da face superior ao chão, distam 41,5 cm. e por isso é utilizada, como banco, pelos pacatos frequentadores do sítio. A pedra ocupa não só boa parte da base do gigante, mas entra pela parede da Sé; a parte lateral, visível, mede 130 cm. de comprimento e a largura começa com 43 cm. para, ao perder-se no muro da Sé, medir somente 35 cm. Neste lado apresenta uma moldura simples, lisa, de tipo romano.

A parte da face superior que sai para fora da aprumada do gigante e serve, como acima dissemos, de assento a velhos cavaqueadores do bairro, mostra parte de um desenho tipicamente visigodo, que se continua por debaixo das pedras do gigante. São duas vieiras metidas dentro de ovais; destes, um é desenhado em espinha e outro em corda. Entre eles há um quadrado com um losango incluso; dentro do losango, uma cruz floreada, como a de um ábaco visigodo de Córdoba (2). Nos triangulos deixados entre os lados dos losangos há uma folha em cada um e que se desprende do losango.

O trabalho foi executado com a imperfeição frequente na arte visigoda.

VIII — Na mesma Sé, no gigante Norte do cunhal Norte, aparece o lado de uma grande placa rectangular, do mesmo material que a anterior (Fig. 1 n.º 2 e Fig. 17); mostra na superfície de um dos lados descobertos, uma moldura romana igual à da pedra VII. Com certeza vieram ambas do mesmo monumento (iconostase?).

Pela situação em que esta se encontra, não é possível afirmar ter também decoração visigoda, mas tudo leva a crer que sim.

(1) O. DA VEIGA FERREIRA, *op. cit.*

(2) H. SCHLUNK, *op. cit.*, Fig. 270.

IX — Larga placa de mármore rosado encontrada há cerca de quatro anos em uma mercearia da Rua dos Bacalhoeiros (Figs. 11 e 12). Infelizmente está incompleta, mas pelo que resta revela uma técnica já erudita, a torná-la digna companheira da placa da Sé. Tem 16 cm. de espessura, 48 cm. de altura máxima e 52 cm. de largura.

Está trabalhada, não só em uma das faces, mas também no bordo correspondente à parte intacta da cercadura.

Na face ornamentada apresenta uma série de desenhos geométricos, muito regulares, centrados por uma roseta de 14 pétalas, envolvida em dois círculos concêntricos. Em torno mostra quatro arcos, dois peraltados e dois em ferradura; estão ligados entre si por ângulos rectos. Dentro dos arcos há cachos de uvas e, em cada ângulo, uma folha de acanto. De um e outro lado do eixo longitudinal da placa vêem-se novos arcos; no que está intacto aparece uma estilização da cauda de uma ave que tem, à direita e à esquerda, as patas de uma ave de rapina. O espaço entre o círculo que inclui a roseta e o da ave está ocupado por uma folha de acanto com folhagem abundante.

Todo este conjunto tem, de um e outro lado, uma moldura formada por uma corda e, para fora, uma série de folhas representadas por cavidades arredondadas dispostas em grupos de quatro, centradas por um pequeno quadrado a formar o encontro da moldura onde está incluída cada uma das folhas.

Na secção intacta do bordo da placa, o desenho tem disposição em tudo semelhante à da moldura da face, embora sem a corda a envolvê-la.

Como se depreende, o desenho foi feito com um requinte de minúcia a que não estamos habituados em labores deste período; mas, pelos motivos e pela técnica empregados, é bem uma lápide do período visigodo onde se casam o bizantino, o romano e o hispânico.

Esta pedra, hoje conservada no Museu da Mitra, da Câmara Municipal de Lisboa, vem reforçar a ideia de ter florescido na velha Olisipo um centro de Arte visigoda dos mais exigentes da Península.

X — Em uma vitrina da sala das sessões da Associação dos Arqueólogos Portugueses, do Museu do Carmo, estão guardados um pequeno capitel e um resto da coluna com capitel, ambos em mármore sacaroide. Não encontramos, nos registos do Museu, qualquer referência a estas peças; incluímos a sua descrição juntamente com a das pedras de Lisboa, sob reserva.

O capitel com fragmento de coluna (Fig. 20) mede 28,5 cm. na sua maior altura, dos quais 9,5 cm. pertencem ao capitel e 19 cm. à coluna. O capitel é mais largo na parte superior que na inferior: tem, em cima, 8,5 cm. de lado e em baixo 7,3 cm. Histiariado nas suas quatro faces, em cada uma mostra uma folha de acanto bastante estilizada, com duas volutas a enrolarem-se para dentro. O fuste tem 9 cm. de lado, e é de secção cruciforme, como outro do mesmo período que encontramos na basílica de Idanha-a-Velha (1). Possivelmente, tanto um como outro, teriam sido aximezes em qualquer fresta do respectivo templo.

XI — Capitel cúbico (Fig. 21), de mármore sacaroide a que acima (X) fizemos referência. Tem 8,5 cm. de lado e 7,5 cm. de alto. Em cada face lateral exhibe uma roseta estilizada de 8 pétalas, alternadamente maiores e menores, com um botão ao centro. Técnica a bisel, tipo visigodo.

Pertence ao Museu do Carmo mas ignoro a procedência.

(Trabalho apresentado ao Colóquio Suévico-Bizantino de Braga, em 1957).

Post Scriptum

Depois de redigidos estes apontamentos e enviados para a Redacção da acolhedora «Revista de Guimarães», o nosso bom amigo, senhor Tenente-

(1) D. F. DE ALMEIDA, *Egitânia, História e Arqueologia*, Lisboa, 1956, Fig. 183.

-coronel Afonso do Paço obteve a necessária autorização para visitarmos os restos do velho Mosteiro de Chelas e sua cerca. Considerado como a mais antiga casa de reclusão religiosa de Lisboa (séc. vii), sofreu ao longo dos séculos vários tratos: arranjos, estragos graves causados pelo terramoto, reconstruções. Em fins do século passado foram ali instalados uma Fábrica de material de guerra e o Arquivo do Exército.

À igreja já havíamos feito várias visitas, pois está aberta ao culto e nada topáramos que pudesse ter interesse directo para este trabalho. Por fazer parte do Mosteiro, sofreu também profundas alterações no decurso dos seus treze séculos de existência; há pouco mais de uma dezena de anos o velho templo serviu de simples depósito de material para o fabrico de pólvora. Um dia ardeu espontaneamente. Por ter sido decidido entregá-lo de novo ao culto foram feitas, com este fim, reparações sumárias e indispensáveis; durante este trabalhos colocaram no corpo da igreja, a fazer parte do pavimento e com o fim louvável de não sofrerem descaminho, várias lápides sepulcrais, portuguesas, que se encontravam espalhadas por um e outro lado; e assim, não dizem respeito aos prováveis despojos que sob elas repousem.

Na companhia dos srs. Tenente-coronel Afonso do Paço e Major Eng.º Eduardo Santos, da Fábrica de material de guerra, fizemos uma visita geral às dependências do estabelecimento. Em um barracão onde estão as caldeiras vimos, ali colocadas a fazer parte do lajedo do pavimento, algumas inscrições portuguesas. Fora dos edifícios notámos, aqui e ali, pedras que pelo aparelho mostram terem pertencido a construções desaparecidas ou alteradas. Uma das ruas da cerca, precisamente ao lado do pavilhão onde são tratados ácidos, é atravessada por uma valeta coberta de lajedo com pedras de vários tamanhos e formas. Estas capas são pedras reaproveitadas, trazidas de outros lados da cerca ou do próprio Mosteiro; entre elas notámos uma com motivos nitidamente visigodos (Fig. 13, pedra XII) bastante gastos, o que é natural, dada a função a que a pedra

fora votada. Felizmente também havia sido lavrada na face oposta e aqui o desenho mostra-se ainda intacto (Fig. 20). Como sucede nas pedras trabalhadas durante o período visigodo, e já o facto se verifica no bizantino, todo o espaço está inteiramente ocupado pelo desenho; este desenvolve-se em torno de uma composição central de que só resta uma parte mínima. Há grupos de quatro covinhas dispostas segundo os vértices de um quadrado e com os espaços entre elas preenchidos por palmetas. A semelhança da composição com a da moldura da pedra IX (Fig. 11) é em parte flagrante. Há uma diferença no resto da composição da lápide agora encontrada: as covinhas e palmetas estão aqui metidas dentro de losangos e os espaços entre elas, também a formar losangos, são preenchidos por outras palmetas estilizadas à maneira de vieiras. Trabalhada em mármore idêntico ao da pedra IX foi esculpida dos dois lados, como já anotámos; é de reduzida espessura (10 cm.) e por isso supomos dever ter servido como placa para separação, possivelmente entre o altar-mor e o corpo da igreja. Teria a outra placa, aparecida no edifício contíguo à Casa dos Bicos, sido levada do Mosteiro de Chelas para ali? O facto do material empregado ser idêntico e a decoração mostrar desenhos com pormenores inspirados nos mesmos motivos ou iguais, não é suficiente: em Lisboa houve outras igrejas e conventos adornados no período visigodo. Não nos parece, pois, evidente, estender até aqui as suspeitas que nos levaram a considerar a pilastra encontrada na Casa dos Bicos, como tendo pertencido ao Mosteiro de Chelas.

Do que conhecemos sobre a história do Mosteiro de Chelas e pelo que agora ali vimos, cremos deverem ser de muito proveito pesquisas metódicas em toda a área da velha cerca e ainda nas paredes e pavimentos de alguns dos edifícios. Os estabelecimentos oficiais ainda em funcionamento vão ser transferidos em breve para instalações adequadas e a zona em torno é natural vir a ser urbanizada em data próxima.

Talvez no intervalo possam ali ser levadas a cabo investigações arqueológicas; é muito provável

que venham a proporcionar dados do maior interesse para a história da Cidade e em especial dos aspectos que nela tomou a arte visigoda.

Descrição da pedra

XII — Fragmento de uma placa de mármore rosado. Mede 71 cm. de comprimento, por 20 cm. de largura e 10 cm. de espessura. As duas faces são paralelas e de forma rectangular. Uma delas (Fig. 13) exhibe um desenho geométrico com elementos vegetalistas estilizados, excepto num dos lados menores onde é plana, como preparada para encaixar em sulco largo e profundo; mostra uma série de losangos dispostos em filas, resultado da intersecção oblíqua de dois grupos de linhas paralelas; dentro deles, uma fila tem quatro covinhas em cada espaço, a formar quadrados e com a superfície livre preenchida por folhas de acanto; nas outras filas há uma vieira em cada espaço. Este desenho forma parte da moldura de uma composição que teria existido no centro da placa.

Na face oposta o desenho devia ter sido igual (Fig. 14), mas está muito gasto e dele pouco mais resta além de dois losangos com covinhas e folhas de acanto.

A pedra foi oferecida muito amavelmente ao Museu do Carmo, por já ali estarem depositadas outras da mesma proveniência (I e IV).

*

A Sua Excelência o senhor Subsecretário do Exército que nos permitiu, ao senhor Tenente-coronel Afonso do Paço e a nós, visitar as dependências da Fábrica Nacional de Munições em Chelas e o Arquivo Geral do seu Ministério, agradecemos as facilidades concedidas; aos senhores Director, Subdirector e Major Santos, daquele estabelecimento, e ao Senhor Chefe do Arquivo a gentileza que tiveram para connosco durante as vezes que ali fomos.

Ao Senhor Tenente-coronel Afonso do Paço nos confessamos gratíssimos por mais esta prova da sua invariável amizade; ela permitiu carrear mais uma pedra para o estudo da Arte visigoda em Portugal, trabalho árduo que nos propusemos levar a cabo.

Às senhoras D. Julieta Ferrão, Conservadora dos Museus da Câmara Municipal de Lisboa, e Dr.^a D. Maria de Lourdes Bártholo, ao tempo também Conservadora dos mesmos Museus, aos senhores Dr. Jaime Lopes Dias, Director dos Serviços Culturais da Câmara, António Machado de Faria, Conservador do Museu do Carmo e Eng.^o Renato Berger, os nossos agradecimentos pelas facilidades e informações que amavelmente nos prestaram durante a elaboração destas notas.

D. FERNANDO DE ALMEIDA

Desenhos do Dr. Fernando Rego e de Gil Ferreira.
Fotografias do autor.



Fig. 3 – Pilastra do Museu de Chelas.

(Museu do Carmo).

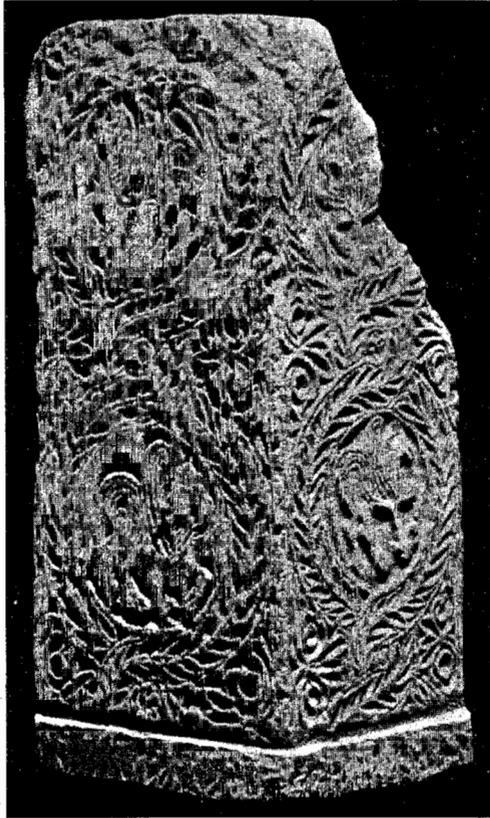


Fig. 4 — *Pilastra do Mosteiro de Chelas.*

(Museu do Carmo).



Fig. 5 — Pilastra encontrada na Casa dos Bicos.

(Museu do Carmo).



Fig. 6 — Pormenor da pilastra da fig. 5.



Fig. 7 — Pano bizantino
do séc. X.

(Catedral de Sens, segundo
J. Pijoan).



Fig. 8 — Pano bizantino do
séc. XII.

(Museu de Berlim, segundo
C. Bastos).

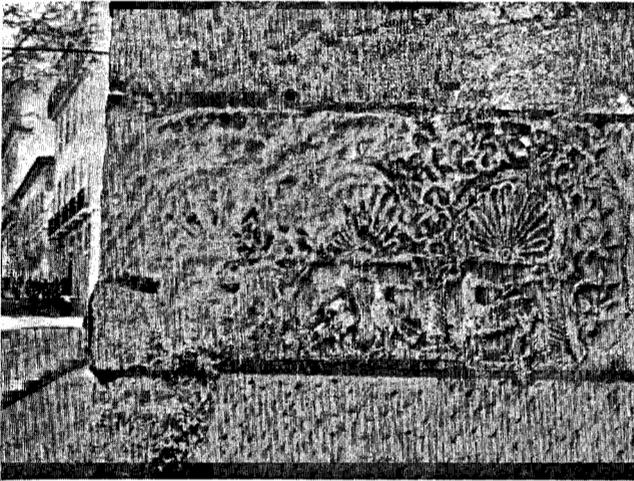


Fig. 9 — *Pedra na Sé de Lisboa.*

(N.º 1 da planta).

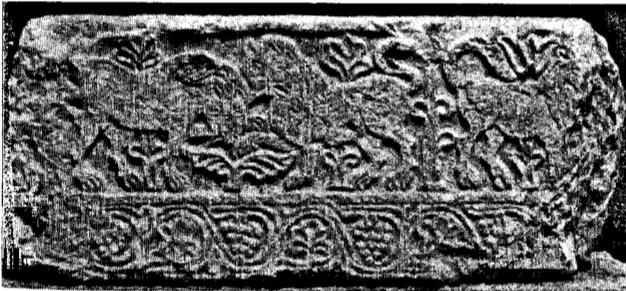


Fig. 10 — *Friso do Mosteiro de Chelas.*

(Museu do Carmo).



Fig. 11 — *Pedra encontrada na mercearia da Rua dos Bacalhoeiros.*

(Museu da Mitra. Câmara Municipal de Lisboa).

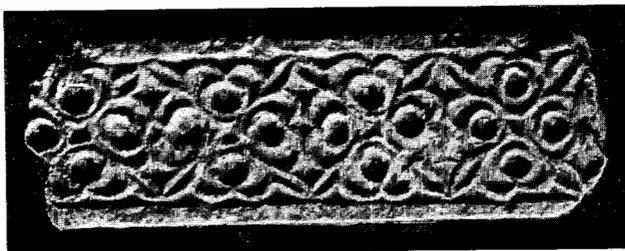


Fig. 12 — *Lado da mesma pedra.*



Fig. 13 — *Fragmento de uma placa de Chelas.*

(Museu do Carmo).



Fig. 14 — *Reverso da placa da fig. 20.*

(Museu do Carmo).

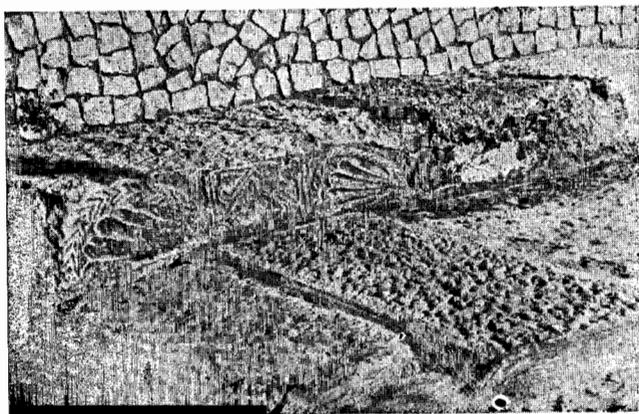


Fig. 15 — *Pedra na Sé de Lisboa, vista de cima.*
(N.º 3 da planta).

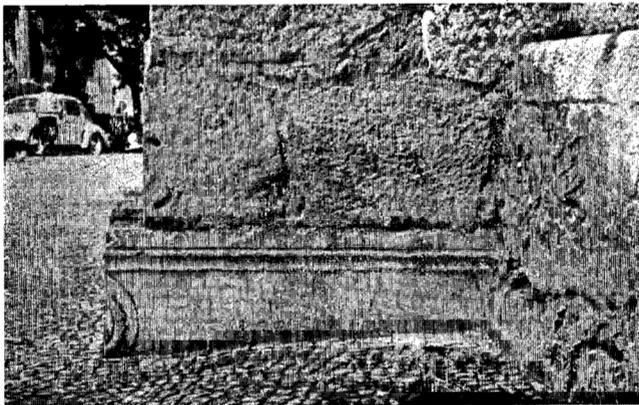


Fig. 16 — *A mesma pedra, vista de lado.*

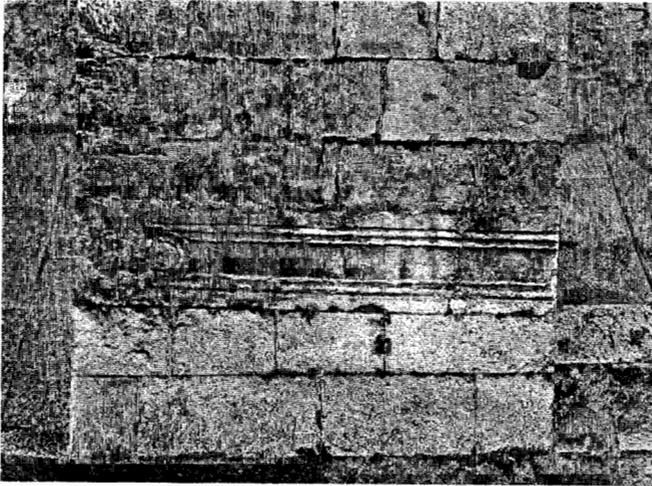


Fig. 17 — *Pedra na Sé de Lisboa.*

(N.º 2 da planta).



Fig. 18 — *Ábaco* (?).

(Claustro da Sé de Lisboa).

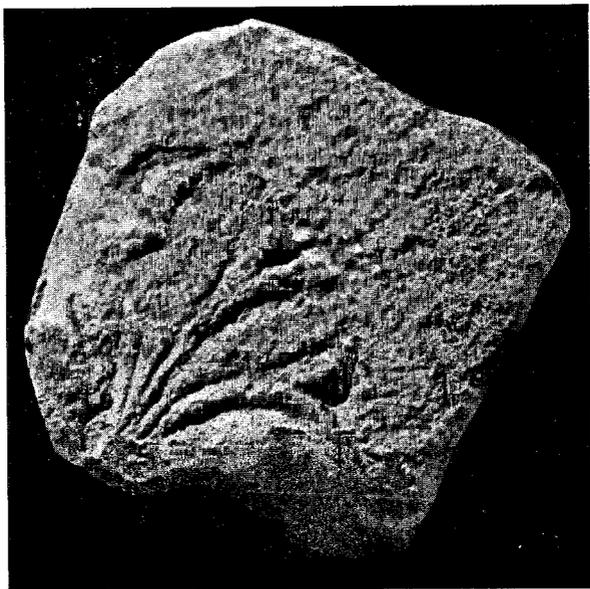


Fig. 19 — *Fragmento de pedra lavrada*.

(Claustro da Sé de Lisboa).



Fig. 20 — *Fragmento de aximez.*
(Museu do Carmo).

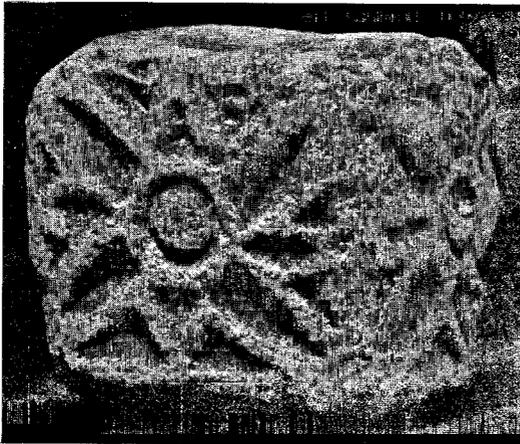


Fig. 21 — *Capitel.*
(Museu do Carmo).